

REPRESENTAÇÕES DA MORTE E EXPRESSÕES DO LUTO A PARTIR DO DESENHO INFANTIL

Maria Taylanne Henrique Alves¹; Vanessa Moreno Duarte²; Mariana da Silva Monteiro³;
Débora Cristina Vasconcelos Aguiar⁴

¹Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, Iguatu, Ceará, Brasil, maria.taylanne@aluno.uece.br

²Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, Iguatu, Ceará, Brasil, vanessa.monteiro@aluno.uece.br

³Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, Iguatu, Ceará, Brasil, mari.monteiro@aluno.uece.br

⁴Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, Iguatu, Ceará, Brasil, debora.aguiar@uece.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar, por meio do desenho infantil, as concepções das crianças acerca da morte e do luto. A pesquisa foi realizada com turmas do Infantil V de um Centro de Educação Infantil de uma escola pública de Iguatu-CE, utilizando o desenho como instrumento de expressão e investigação das percepções infantis sobre a temática. Em relação à metodologia, este estudo possui abordagem qualitativa e se classifica como um relato de experiência. Os resultados evidenciam que a abordagem da morte e do luto, quando desenvolvida de forma sensível, contribui para a construção de significados e para o desenvolvimento emocional das crianças. Por meio do desenho e dos relatos sobre eles, as crianças externalizaram sentimentos, pensamentos e experiências de perda, as quais foram classificadas como relacionadas ao luto por animais de estimação, ao luto por objetos perdidos e ao luto por mudança de moradia. Nessa perspectiva, o estudo destaca a importância de inserir discussões sobre temas sensíveis no contexto escolar, reconhecendo a criança como sujeito capaz de refletir, expressar-se e atribuir sentidos a sua realidade.

Palavras-Chave: Morte. Luto. Desenho infantil. Extensão.

1. INTRODUÇÃO

A morte é um tema frequentemente evitado em espaços sociais, haja vista o medo e o mistério que permeiam a finitude humana (Arantes, 2016). Em relação às crianças, sobretudo, a morte costuma ser tratada como um tabu (Paiva, 2011), em virtude dos pensamentos e das emoções dolorosas que essa discussão costuma evocar, as quais contrapõem os sentidos de alegria e de felicidade costumeiramente atribuídos à infância, de modo que culturalmente busca-se proteger as crianças do contato com temas sensíveis.

Apesar disso, de acordo com Paiva (2011), a morte faz parte do cotidiano humano, inclusive do universo infantil, invadindo a vida de forma recorrente, sem aviso prévio ou possibilidade de proteção, constituindo-se como parte integrante da vida. Ela se apresenta nas

notícias de jornais, é tema das conversas de adultos e crianças e, inclusive, pode ser vivenciada intimamente pelas crianças quando se defrontam com a perda de pessoas e animais de estimação, além da perda de objetos simbólicos para a criança.

Nessa perspectiva, este estudo consiste em um relato das experiências vivenciadas por crianças de três turmas do Infantil V de uma escola de Educação Infantil do município de Iguatu-CE acompanhadas pelo Projeto de Extensão Infância e Temas Sensíveis, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Durante o ano de 2025, o Projeto abordou os temas morte e luto com as crianças da referida instituição, as quais tinham, em média, 5 anos de idade.

A escolha desse tema se deu pelo reconhecimento de que a morte ainda é pouco abordada no contexto escolar e na vida doméstica, especialmente com as crianças pequenas, uma vez que os adultos adotam a postura de ocultar esse assunto, acreditando que assim estariam protegendo-as do sofrimento. Assim, a partir das atividades desenvolvidas, solicitamos que as crianças realizassem desenhos como forma de expressão de seus sentimentos.

Por conseguinte, este trabalho parte da seguinte indagação: Como as crianças participantes do projeto de extensão representam a morte por meio de desenhos? O escopo desta investigação consiste em analisar as representações de morte contidas nos desenhos realizados pelas crianças nas ações Projeto de extensão Infância e Temas Sensíveis.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza-se de uma abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001), a qual enfoca aspectos subjetivos como crenças, valores, percepções etc., possibilitando uma compreensão abrangente dos significados, das ações e das relações desenvolvidas pelos sujeitos.

Com base nessa perspectiva, este trabalho se classifica como um relato de experiência, o qual foi desenvolvido de modo a focar o seu potencial na construção do conhecimento científico, sobretudo na sistematização dos dados e na condução reflexiva da análise, não se detendo a simples descrição dos fatos (Antunes et al., 2024). Nesse sentido, essa metodologia proporcionou a sistematização das vivências observadas, bem como a reflexão crítica sobre os acontecimentos e práticas desenvolvidas ao longo da extensão.

Conforme afirma Larrosa (2002), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” Dessa forma, o relato de experiência está relacionado a vivências que de fato, deixaram marcas e aprendizados diante das práticas vivenciadas. Nessa perspectiva,

o relato de experiência aplica-se a vivências significativas desenvolvidas no âmbito de ações que contribuem para a formação profissional e pessoal dos sujeitos. Ainda na visão de Larrosa (2002), o saber experienciado torna-se mais significativo e mais próximo do real devido à vivência da situação ou prática, diferentemente do saber que advém apenas da informação, isto é, aquele que é apenas repassado.

As ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão foram estruturadas de maneira a articular embasamento teórico e intervenção pedagógica. Inicialmente, realizaram-se reuniões semanais destinadas à leitura e discussão de textos que versavam sobre as temáticas da morte e do luto, contemplando também as diferentes fases do processo de enlutamento. Tais encontros possibilitaram o aprofundamento teórico das(os) extensionistas e fundamentaram o planejamento das atividades a serem executadas.

A execução das atividades na escola ocorreu de forma previamente planejada, mediante a realização de três encontros com cada uma das três turmas de Infantil V da instituição. Em cada encontro, foram apresentados dois ou três livros de literatura infantil que abordavam as temáticas da morte e do luto para as crianças, a fim de que elas escolhessem um deles para a contação de história. Após a leitura era realizado um momento de diálogo e reflexão acerca da compreensão da narrativa, oportunizando a expressão de sentimentos e a construção de significados relacionados à temática abordada. Essa dinâmica repetiu-se nos dois primeiros encontros, sendo que, no segundo, também foram introduzidos esqueletos de brinquedo, que representavam a morte nos livros oferecidos, com o intuito de tornar a discussão mais concreta, sensível e acessível ao universo infantil.

Por fim, no terceiro dia, que marcou o encerramento das atividades na escola, retomou-se inicialmente a dinâmica dos encontros anteriores. Posteriormente, foi reservado um momento específico para que as crianças pudessem expressar, por meio de desenhos, a representação de alguém ou de algo que haviam perdido e de que sentiam saudades, possibilitando a elaboração simbólica de suas vivências e sentimentos. Tais ações tiveram o intuito de possibilitar às crianças momentos de reflexão e de aprendizagem acerca da morte e do luto. Acredita-se que as atividades realizadas foram significativas e as crianças conseguiram levar consigo algum aprendizado sobre a temática trabalhada.

A escolha por trabalhar com o desenho como meio para compreensão e análise das expressões do luto e representações da morte por crianças pequenas decorre do entendimento de que o desenho é uma ferramenta privilegiada para a expressão da experiência infantil. Por meio do desenho, a criança expressa ideias, sentimentos e percepções que ela ainda não

consegue verbalizar. Nessa perspectiva, o desenho consiste numa importante via de aprendizagem para a criança, possibilitando-lhe articular os seus saberes e os seus afetos, ao mesmo tempo em que representa indícios do seu desenvolvimento cognitivo, por meio dos estágios do desenvolvimento do grafismo (Nascimento; Aguiar, 2023)

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de aprofundar a discussão esta seção está dividida em três seções secundárias, que tematizam, respectivamente: a morte, o luto e a morte simbólica.

3.1 A morte

Segundo Kübler-Ross (1969), inconscientemente, a nossa própria morte é algo inconcebível e inimaginável. Dessa forma, não é possível entendê-la ou justificá-la internamente como algo natural, mas como decorrente de um acontecimento externo, indesejado e cruel.

Nessa perspectiva, é importante compreender que, na visão da criança, a morte é inicialmente entendida como um fenômeno não-permanente, de forma que seria possível reverter a situação, ou seja, para a criança, a depender de sua fase e de sua percepção de conhecimento, é possível acreditar que a pessoa que morreu possa voltar a viver.

De acordo com Torres (1999 apud Zambeli; Kaercher; Felipe, 2017), a criança vivencia o desafio de assimilar o conceito de morte, no que tange à compreensão dos componentes que lhe constituem: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. Esses conceitos são assimilados de maneira progressiva, conforme ocorre o desenvolvimento infantil. Desse modo, a morte inicialmente é percebida como reversível, sendo interpretada pela criança de forma temporária, o que dificulta a sua compreensão de que o sujeito que morre não irá mais retornar. Ademais, a noção de não funcionalidade identifica a ausência das funções vitais, em que o corpo para de funcionar. Já a universalidade está relacionada à compreensão de que todos os seres vivos fazem parte do ciclo da vida, e todos estão sujeitos à morte. Conforme a autora, a compreensão desses conceitos só se estabelece no estágio operatório, sendo que, para isso, a criança precisa passar por momentos que favoreçam a elaboração dessa ideia, considerando o contexto social em que está inserida.

A dificuldade de compreender o que é a morte e suas possíveis causas pode levar a criança a vivenciar o luto de forma dolorosa e, por vezes, marcada por um sentimento de culpa. Acerca disso, Kübler-Ross (1969, p. 11) destaca que:

Como nosso inconsciente não faz distinção entre a vontade de matar alguém pela raiva e o ato de tê-lo feito, a criança é incapaz de discernir isto. A criança que, de raiva, deseja que a mãe morra porque esta não satisfaz seus desejos ficará muito traumatizada caso isso venha, de fato, a acontecer, mesmo que não haja ligação alguma no tempo com seus desejos de destruição. Sempre assumirá parte ou toda a culpa pela morte da mãe.

Nesse sentido, a criança ainda tem dificuldade em distinguir o imaginário do real. Em sua concepção sobre a morte, pensamento e concretização se confundem, fazendo-a acreditar que seu pensamento tem o poder de realizar o que desejou, mesmo que não tenha sido o fator determinante do ocorrido. Desse modo, pode-se analisar que, na percepção infantil, a morte, se codifica como um acontecimento trágico e inaceitável. Dessa forma, segundo Kübler-Ross (1969, p. 12), “A criança de cinco anos que perde a mãe tanto se culpa pelo desaparecimento dela como se zanga porque ela a abandonou, deixando de atender a seus rogos.”. A psiquiatra explica essa reação da criança em relação à morte devido ao fato de que aquela, nessa fase, ela ainda tem dificuldade em associar a morte a algo natural e comum da vida, tomando para si esse sentimento de culpa por ter perdido essa figura importante, além de não aceitar a falta que essa pessoa lhe faz.

Por conseguinte, Kübler-Ross (1969) evidencia que a morte é encarada como um tabu, e a presença desse assunto é vista como um elemento estranho, considerado irrelevante e dissociável. A sociedade, sob essa perspectiva, acaba afastando as crianças para que não tenham contato com esse diálogo. Dessa forma, considera-se que a temática da morte é inadequada para ser discutida na infância, recorrendo-se a expressões fantasiosas e insinuações mentirosas para esconder a verdade e evitar explicar o que, de fato, acontece quando alguém vem a partir. A autora também destaca que, no decorrer do crescimento da criança e com o passar do tempo, ela perceberá, em algum momento de sua vida, que foi enganada e privada da verdade, caso não tenha tido conhecimento sobre o que é a morte e a perda física que ela provoca.

Todavia, privar a criança do conhecimento acerca da morte se mostra como uma decisão equivocada, conforme explanado por Aberastury (19845):

[...] a ocultação e a mentira do adulto dificultam o trabalho de luto da criança. Quando morre um ser querido, sua ausência será definitiva. O trabalho de luto exige uma sucessão de esforços. O primeiro e fundamental é aceitar que o ser querido já não está conosco. Mas se um grupo ou um familiar começa a ocultar esse fato e recorre à mentira, vai enredando-se em um emaranhado cada vez maior de ocultações que terminam perturbando seriamente as capacidades cognitivas de todos os seus integrantes. Quando um adulto não diz a verdade a uma criança sobre a morte, está dificultando a primeira etapa de seu trabalho de luto. A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vivencia como abandono. (p. 135).

Contudo, conforme os autores citados, compreende-se que a ocultação da morte à criança interfere diretamente em seu processo de elaboração do luto. Diante disso, torna-se essencial que ela tenha acesso à realidade da perda para que possa compreender e lidar com a ausência. Assim, o diálogo sensível com os adultos mostra-se importante na abordagem dessa temática. Além disso, também é necessário compreender o luto como um processo que exige aceitação e tempo para que a criança possa lidar com suas emoções.

3.2 O luto

De acordo com Freud (2022, p. 100) “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como a pátria, a liberdade, um ideal, etc.”. Nessa perspectiva, o luto é compreendido como um processo natural que ocorre após a morte ou, mais especificamente, após a perda de alguém amado ou uma perda simbólica (de um objeto, uma fase da vida ou até mesmo saudades de um lugar).

O processo de luto envolve uma sequência de reações internas e externas, enquanto o indivíduo que vivencia tenta compreender, aceitar e se adaptar à ausência de quem se foi. Destarte, o luto não ocorre de maneira unânime, mas consiste em um processo singular, sendo marcado por diferentes fases emocionais (Kübler- Ross, 1969).

No livro *Sobre a Morte e o Morrer*, Kübler-Ross (1969) fala sobre os estágios vivenciados por pessoas com doenças em estágio terminal: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora originalmente pensados para descrever as vivências dessas pessoas, esses estágios também representam o processo de luto daqueles que perderam alguém, de modo que sua sequência e duração são vivenciadas de forma singular e marcadas por aspectos subjetivos.

Nessa perspectiva, o estágio da negação pode ser vivido por pessoas que perderam um ente querido em estágio terminal. Mesmo que, nesse contexto, a morte, de certo modo, já seja “esperada”, ainda se tem dificuldade para aceitar que aquela pessoa se foi.

Além da negação, durante o processo de luto, é natural que alguns sintam raiva pela perda de alguém, sendo ainda mais comum em crianças, que ainda não entendem o que é a morte. Muitas vezes pensam que a pessoa as abandonou, indo embora por querer, e, assim, acabam desenvolvendo o sentimento de raiva ou até mesmo de culpa. Para a criança pequena, torna-se ainda mais complexo o processo de luto, por não conseguir discernir o fato de que a pessoa não voltará mais, e o modo como a morte é retratada para a criança pelos adultos dificulta ainda mais esse processo, pois costumam dizer que a pessoa foi morar no céu ou que viajou.

entre outras falas que, por mais intencionem proteger a criança do sofrimento, acabam tornando o processo ainda mais difícil.

Nessa perspectiva, compreende-se que a vivência do luto acontece de forma singular e reforça-se a importância de tratar do luto entendendo que é um processo que faz parte da vida, sendo necessário entender também que é um processo que requer respeito, não somente o luto pela perda de pessoas, mas também pela perda simbólica, a qual habitualmente não recebe esse respeito por parte da sociedade, como será abordado adiante.

3.3 A morte simbólica

A expressão morte simbólica refere-se a perdas que não estão diretamente ligadas à morte física, mas sim ao fim de momentos, amizades, relacionamentos, objetos ou situações que também causam dor e sofrimento. Para as crianças, esse tipo de perda é ainda mais sensível, pois elas geralmente são deixadas de fora dos processos relacionados à morte e, muitas vezes, não recebem explicações adequadas sobre o que estão vivendo.

Ainda nessa perspectiva, Paiva (2011, p. 25) acrescenta que:

Para que a criança não sofra, nós a impedimos de olhar para a realidade da vida e suas perdas. Os ganhos são valorizados, e as perdas, muitas vezes, negadas. E, por causa disso, reforçamos a dificuldade de lidar com as várias perdas vivenciadas ao longo da vida, com os valores mais diversos: o brinquedo quebrado, o animal de estimação que morre, o amiguinho que se mudou, a morte de alguém... É preciso lembrar que não podemos quantificar a dor, pois é individual, singular e subjetiva.

Dessa forma, compreender a morte simbólica na infância resulta em reconhecer que as crianças vivenciam múltiplas formas de perda ao longo do desenvolvimento e que tais experiências influenciam seu desenvolvimento emocional. Ao considerar essa forma de luto e validá-la, possibilitamos que a criança elabore seus sentimentos de modo saudável, desenvolvendo recursos internos para enfrentar frustrações futuras. Assim, compreender a morte simbólica torna-se uma prática sensível, acolhedora e comprometida com o bem-estar integral da criança.

4 EXPRESSÕES DAS EXPERIÊNCIAS INFANTIS COM O LUTO

Segundo Nascimento e Aguiar (2019), no estágio pré-operatório, cujas características representam a faixa etária vivenciada pelas crianças participantes, o desenho assume um importante papel na organização do pensamento e da realidade. Conforme as autoras, “no estágio pré-esquemático, referente à fase pré-operatória, acontece a conquista da

relação pensamento, desenho e realidade” (Nascimento; Aguiar, 2019, p. 08). Mediante essa conquista, as crianças passam a esboçar seus pensamentos e emoções no papel, ampliando a sua capacidade de expressão.

A seguir, serão apresentadas as formas de luto representadas pelas crianças em seus desenhos: luto por animais de estimação; luto por objetos perdidos; e luto por mudança de casa.

4.1. Luto por animais de estimação

As ilustrações apresentadas a seguir foram produzidas por crianças de 05 anos de idade, no contexto das atividades desenvolvidas na extensão. Ao todo, foram analisados 36 desenhos. Dentre essas produções, identificou-se a presença de representações de animais em 15 desenhos (41,67 %) sendo 07 desenhos de gatos, 01 de pássaro, 05 de cachorros e 02 de coelhos. A análise das produções evidencia que a temática da perda de animais de estimação possui forte valor afetivo para as crianças. As representações sugerem a expressão de sentimentos relacionados à ausência desses animais, os quais, por circunstâncias específicas, já não fazem parte de seu cotidiano.

Figura 01: O coelho no céu



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Figura 02: A morte do gato



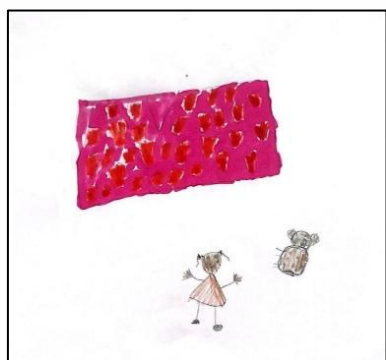
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A primeira imagem, de autoria de uma menina, apresenta, de forma centralizada, o desenho de seu coelho de estimação que faleceu. Ao redor do animal, a criança desenhou vários corações, expressando sentimentos de ternura, carinho e saudade. A presença do balão, conforme relato da própria criança, simboliza que o coelho “foi para o céu”, associando a ideia de morte à ascensão, semelhante ao movimento de um balão que sobe quando é solto. Essa explicação se justifica em virtude da narrativa religiosa comumente contada às crianças de que os mortos vão para o céu, expressa por ela no desenho de forma literal.

A segunda imagem, produzida por um menino, representa a cena do atropelamento do seu gato de estimação, por meio dos desenhos do gato, o que fora nomeado, do gato e dele.

mesmo na condição de espectador do ocorrido. A cena evidencia a tentativa da criança de retratar o acontecimento de forma concreta, apresentando elementos que indicam a causa da morte do animal. A presença da cor vermelha sugere a representação do sangue, elemento que reforça a dramaticidade da situação e expressa o impacto emocional do ocorrido.

Figura 03: A casinha e o cachorro.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Figura 04: O pássaro na gaiola.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na terceira imagem, uma criança do gênero feminino se representou em desespero devido a sua figura paterna, em um momento de raiva, ter chutado a casa do seu cachorro e derrubá-la, conforme narrado por ela. A casa, então, teria caído sobre o seu cachorro, o que provocou a morte do animal.

Conforme Paiva (2011), a morte violenta é vivenciada cotidianamente por todos nós dentro de nossas próprias casas ou por meio dos noticiários televisivos que exibem cenas de acidentes e homicídios. Desse modo, a morte invade os lares, sem que haja espaço para reflexão sobre o ocorrido. No desenho, a casa do cachorro é representada em tons de rosa com detalhes em vermelho. O cachorro é representado deitado, de patas para cima, enquanto a criança é ilustrada de braços erguidos, expressando aflição no momento do ocorrido.

Já na quarta imagem, observa-se um desenho realizado por um menino, no qual ele representa um passarinho que morreu ao ficar imprensado numa gaiola. A representação demonstra uma compreensão objetiva do acontecimento, por meio do seu registro imagético e verbal, expressando, através do desenho, a elaboração simbólica da experiência vivenciada, que pode ter sido despertada através da leitura do livro infantil “O dia em que o passarinho não cantou” (2017).

A partir desses registros, percebe-se que a morte está presente na vida das crianças, seja de forma natural ou violenta. Segundo Paiva (2011), a morte está presente no cotidiano das crianças, seja por meio dos desenhos animados, seja nos jogos eletrônicos. Nesses contextos, observa-se uma certa banalização da morte, frequentemente apresentada de forma naturalizada

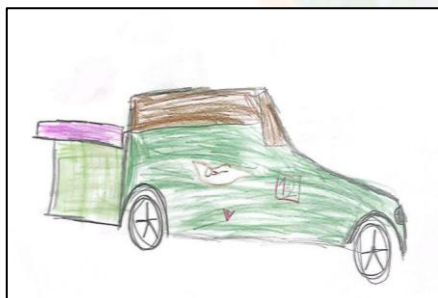
e sem problematização. Diante desse cenário, marcado pela constante exposição à morte em diferentes espaços sociais, essa discussão deixa de ser apenas uma questão individual e passa a assumir uma dimensão coletiva, afetando tanto adultos quanto crianças.

4.1 Luto por objetos perdidos

Dos 36 desenhos produzidos pelas crianças, 04 (11,11% do total) representaram o sentimento de saudade relacionado a brinquedos que foram perdidos. Tais produções revelam a vivência da perda e a experiência de um luto simbólico (Paiva, 2011) direcionados a objetos nos quais as crianças haviam investido significativo valor afetivo.

Dentre essas produções, foram selecionados dois desenhos (Figuras 05 e 06) que representam a saudade pela perda de brinquedos, mais especificamente carrinhos, os quais foram produzidos por crianças do sexo masculino, ambas com cinco anos de idade.

Figura 05: O carro verde



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Figura 06: O carro perdido



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na primeira ilustração, o menino desenhou um carrinho pintado com as cores verde, marrom e lilás. A criança relata que seu carrinho era da marca Hot Wheels e que havia perdido

o brinquedo debaixo de uma cama. Seu relato evidencia a saudade pela perda de um objeto no qual ele havia depositado afeto. Também é possível que a escolha do objeto tenha sido motivada pela leitura do livro “Para onde vamos quando desaparecemos?” (Martins, 2015) realizada no dia, que mencionava objetos perdidos embaixo da cama.

No segundo desenho, são representados um carrinho (ilustrado nas cores laranja, azul e preto) duas nuvens, além da frase escrita pelo menino “carrinho perdido” Como no primeiro desenho, nesse também é representada a perda de um brinquedo, simbolizando a falta que esse brinquedo faz criança.

As ilustrações e os relatos associados demonstram que a perda desses objetos mobiliza sentimentos de tristeza e saudade, confirmando que, mesmo quando relacionado a

bens materiais, a experiência da perda pode assumir caráter simbólico e afetivo, conforme discutido por Paiva (2011).

4.3 Luto por mudança de casa

Dos 36 desenhos produzidos, apenas 01 (2,8%) representou a perda de momentos e experiências significativas, tendo sido selecionado em virtude da sensibilidade do relato da criança. A imagem abaixo foi produzida pela criança e representa a saudade causada pela mudança vivenciada por ela.

Figura 07: A mudança



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Na imagem, a criança representa a mudança do sítio para a cidade, desenhando um carro, no qual estão ela e sua família, composta por quatro pessoas. Durante o momento de socialização dos desenhos — em que cada criança foi convidada a explicar o significado de sua produção —, ela optou por não se manifestar diante da turma. Em seguida, de forma mais reservada, relatou em voz baixa que o desenho expressava a saudade que sentia da época em que vivia no sítio.

Conforme abordado por Freud (2022), a vivência do luto não se restringe à perda de pessoas, podendo também incluir aspectos abstratos. Nessa perspectiva, a criança representou dor relacionada à mudança do antigo local de moradia na zona rural para a vida na cidade, evidenciando o sentimento de deslocamento e perda vivenciados por ela.

De acordo com Paiva (2011), as crianças vivenciam diversas formas de perda ao longo de seu processo de desenvolvimento, e essas experiências exercem influência significativa sobre sua dimensão emocional. As marcas dessas experiências se refletem nos registros das crianças, indicando o quanto essas perdas foram significativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar as representações da morte presentes nos desenhos das crianças participantes do Projeto de Extensão Infância e Temas Sensíveis. Para isso, considerou-se tanto os desenhos e dos relatos das crianças sobre eles, os quais se constituíram numa oportunidade de expressarem suas dores e saudades, bem como de falarem sobre os sentimentos que carregavam. O desenho possibilitou que elas manifestassem vivências muitas vezes difíceis de serem verbalizadas, o que se torna ainda mais significativo ao se considerar que essa temática é pouco ou raramente abordada no contexto educacional. Assim, evidenciou-se a necessidade de promover espaços de diálogo e reflexão sobre a morte desde a infância, de maneira sensível e adequada à faixa etária.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. A percepção da morte nas crianças. Tradução de Maria Netrovsky Folberg. In: Aberastury, Arminda (org.). **A Percepção da Morte na Criança e Outros Escritos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984, p. 135.
- ARANTES, Ana Cláudia Quintanda. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- ANTUNES, Jeferson; TORRES, Cícero Margébio Gomes; ALVES, Francione Charapa; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, p. 01-31, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- MARTINS, Isabel Minhós. **Para onde vamos quando desaparecemos?**. São Paulo: Tordesilhinhas, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, Francisca Márcia Lopes do; AGUIAR, Débora Cristina Vasconcelos. Riscos e rabiscos: a importância do desenho para o desenvolvimento infantil. **Anais IX CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2023, p. 01-12. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/100767>>. Acesso em: 15 fev. 2026.
- PAIVA, Lucélia Elizabeth **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores**. São Paulo: Idéias & Letras, 2011.
- ZAMBELIA, Sonia Maria Marmitt; KAERCHER, Gládis; FELIPE, Jane. **O que a literatura infantil nos revela sobre a morte**. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (orgs.). Para pensar a educação infantil: políticas, narrativas e cotidiano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 195-213. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/171480/001056932.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 fev. 2026.